

SAMUEL TOMÉ

C L I P P I N G

BALANÇO. 68º SALÃO DE ABRIL "SEQUESTRADO"

Sequestro, resgate, recompensa



Artistas avaliam a edição "sequestrada" do Salão de Abril, que neste ano foi realizado sem apoio da Prefeitura

João Gabriel Tréz
jgabriel@opovo.com.br

Até junho, a realização do 68º edição do Salão de Abril era incerta, já que a Secretaria da Cultura de Fortaleza (Secultfor) não havia lançado o edital que definiria as bases do evento de 2017. No final daquele mês, um grupo de artistas, membros do Fórum das Artes Visuais, se juntou para confrontar o silêncio da Prefeitura com o "sequestro" do evento. A partir do final de setembro, o 68º Salão de Abril Sequestrado foi realizado por artistas, sem apoio estrutural ou financeiro da Prefeitura, e através de circuitos históricos do evento, selecionando todos os inscrições, não limitando as linguagens artísticas e espalhando pela Cidade as obras, que foram divididas pelos locais de realização por nove curadores.

Narcélio Givó, um dos curadores, destaca o "encontro" como legado do evento. "O Salão possibilitou que artistas descobrissem outros artistas e trabalhos. Daí, criamos um elo que podem abrir outros portais", considera. Rita Cassandó, também curador, reforça o papel de aproximação do Salão. "Nas artes visuais, as pessoas acabam se fechando nas próprias pesquisas. É importante os artistas conseguirem se aproximar das práticas dos

outros", afirma.

Para Blü, a edição sequestrada mostrou um panorama da linguagem em Fortaleza, iluminando potenciais e problemáticas. "A inclusão de todos os inscritos mostra o que a Cidade produz. No entanto, se observarmos algumas lacunas formativas. Há a necessidade de investimento em formação e cabe ao poder público oferecer essas possibilidades", aponta. Narcélio também diz que a abertura social foi difícil, mas resultou no envolvimento dos artistas. "Não tivemos verba para fazer a coisa acontecer e ficou sobrecarregado. Quando discutimos que não tínhamos estrutura, os artistas se propuseram a inscrever nos próprios trabalhos. Existe uma coisa meio viciada que é produzir via edital, via incentivo, mas aqui o Salão foi o incentivo".

Samuel Tomé foi um dos selecionados do Sequestrado, apresentando a série fotográfica Estar à Estaca. O artista que inscreveu uma proposta não aceita no Salão "oficial" em 2015, comparou os modelos. "Lembro do edital ser muito hermético, fechando o rambo do espaço para a obra, até a linguagem. O Sequestrado foi aberto, pensado junto, negociado. Não foi o meu trabalho a se adaptar a um edital. É uma abertura incomum em impactos", contrapõe Samuel. Narcélio encara o anúncio de Edital com descrença, apesar

de classificá-lo como positivo. "De certa forma, despertar isso é uma resposta ao que a gente propôs enquanto Salão. Vejo de maneira positiva, mas não é mais do que o dever (da pasta). Só acredito verdade".

"A grande potência desse sequestro metafórico é mostrar como os artistas anseiam por políticas que permitam ações efetivas nas suas linguagens"

em entrevista publicada no último dia 4 no VIDA&Arte, plano de realizar uma retrospectiva do Salão de Abril em dezembro deste ano e anunciar a edição de 2018 para 11 de abril. No ocasião da entrevista, Eivaldo afirmou que "ficou difícil realizar o Salão de Abril (L) porque tivemos realmente dificuldades de orçamento". "O Salão Sequestrado foi feito com muito grama, só com vontade. Me parece que nos últimos anos a Prefeitura não tem interesse no Salão. Ela não conseguiu manter algo que já era definido, fechado. Os artistas tomaram essa consciência e impactaram", contrapõe Samuel. Narcélio encara o anúncio de Edital com descrença, apesar

de classificá-lo como positivo. "De certa forma, despertar isso é uma resposta ao que a gente propôs enquanto Salão. Vejo de maneira positiva, mas não é mais do que o dever (da pasta). Só acredito verdade".

Segundo Blü, os artistas que realizaram o Sequestrado se reuniram nesta semana, no Minimuseu Firmeza, para uma avaliação do evento. "Nesse encontro, serão gerados documentos e encaminhamentos da classe das artes visuais. A grande potência desse sequestro metafórico é mostrar como os artistas anseiam por políticas que permitam ações efetivas nas suas linguagens. Não adianta ficar lançando edital se não tem dinheiro pra pagar. É necessário que se pense com mais seriedade na criação das políticas e que se tenha uma abertura para o diálogo",



A edição "sequestrada" do Salão aconteceu em espaços como a Vila Vicentina, galeria Ilétric Circus (aba) e Sem Título Arte (abaixo)



12 obras foram expostas na Sem Título Arte, cuja curadoria foi feita por Jacqueline Medeiros, uma das diretoras do espaço

ARTIGO.

Sequestrar a arte

Tércia Montenegro
ESPECIAL PARA O POVO

Esses artistas expõem em 11 espaços da cidade, sob a organização de 9 curadores em uma colaboração voluntária que faz a efervescência cultural em Fortaleza durante um mês. Foi belo, foi revigorante - além de marcante em termos históricos. Mas foi, acima de tudo, necessário. O Salão de Abril Sequestrado representou uma iniciativa da classe artística contra a inexplicável ausência da Prefeitura, que em 2017 deixou que os meses se dessemolhassem, sem dar qualquer resposta à pergunta "Não vai ter Salão de Abril este ano?". O compromisso, assumido desde 1964 pela administração pública, parecia ignorado pela atual gestão. Era grande o risco de que este - que é o mais an-

tigo salão de artes em vigor no País - passasse a ser considerado e, por consequência, fosse extinto.

O Salão Sequestrado aconteceu como estratégia de salvamento - sem perder por isso o primado da qualidade, das excelentes práticas estéticas. A organização costurou temas e propostas múltiplas, com uma eficiência impecável, num prazo quase impossível. E os espaços utilizados, dentre galerias e sedes culturais autônomas, envolveram também as afetividades urbanas. A Vila Vicentina, o Poço da Draga, o Parque do Cocó são locais que levantam questões muito sérias relativas à preservação do patrimônio paisagístico e das comunidades hoje, em Fortaleza. Envolver esses ambientes na proposta do Salão reforçou o seu gesto político. Trata-se de

defender, de modo amplo, o que está sendo ameaçado, o que por um triz pode ser condenado ao silêncio.

Não raramente, a técnica do desasso é adotada em nosso País, em vez de recorrer claramente uma atitude de comprometimento - o que provocaria réplicas imediatas, polêmicas -, a pessoa simplesmente vai deixando correr o tempo, evitando o assunto, "matando no caminho", como se diz. Foi esse o destino empoeirado, aliás, que sofreu uma ex-cultura produzida por Flávio de Carvalho, em homenagem a Garcia Lorca - e que depois viria igualmente a ser salva através de um sequestro. Em matéria assinada por Luis Modelli para a BBC Brasil, publicada em 30 de setembro, somos informados de que o monumento foi danificado em 1969

numa explosão misteriosa, possivelmente associada ao Comando de Caça aos Comunistas. As ruínas da obra foram levadas pela Prefeitura de São Paulo para um lugar desconhecido e, apesar de todos os esforços dos artistas que a criou, nenhuma satisfação foi dada, acerca do seu paradeiro.

Esperava-se que a escultura simplesmente fosse esquecida, bem como a figura que ela homenageava - o poeta Lorca, até hoje um exemplo de resistência a governos repressores.

Entretanto, em 1979 o futuro cineasta Fernando Meirelles, que à época estudava na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), descobriu o esconderijo da escultura num depósito. Com um grupo de amigos conspiradores, ele conseguiu resgatar a obra de Flávio de Carva-

lho, que depois foi remontada e exposta no vão livre do Masp, até finalmente ser restituída ao local onde primeiro esteve, a Praça das Garças.

Agora, a similaridade do gesto de sequestro é uma feliz coincidência. Nos dois casos trata-se de uma captura não para ocultar algo, ao contrário, sequestrar a arte só pode ter por finalidade expandi-la, torná-la vivível, tirá-la de qualquer congelamento. Mas, para além desse aspecto, há o sentido jurídico do termo: um sequestro para o cumprimento da tutela de urgência, verdadeira medida cautelar para a assegurar do direito.

Depois que o Sequestrado abriu suas atividades, o secretário Eivaldo Lima prometeu, em entrevista concedida ao O POVO no dia 29 de setembro, um Salão

com mostra retrospectiva do acervo da Prefeitura, a acontecer no último mês de 2017. A Cidade está aguardando, assim como espera para os anos seguintes um compromisso público fortalecido na direção da arte e da cultura. Não deveria ser necessário lembrar que esses elementos são parte crucial na formação do pensamento e da própria humanidade - mas esta ainda não envelheceu, que já bastante gente vai pensando que se trata de um luxo...

Tércia Montenegro
é escritora, fotógrafa e professora



Caderno 3



Isolamento
compulsório. Uma
pesquisa desenvolvida
por Virginia Pinho e
Léo Silva

Um porto visual

Mostra de Artes da Escola Porto Iracema (Mopi) tem abertura de exposição e apresentação de pesquisas em Artes Visuais nesta terça (12) e quarta-feira (13)

ROBERTA SOUZA
REPORTAGEM

O fim do ano é um momento propício para perceber tudo que foi produzido ao longo do período. Na Escola Porto Iracema das Artes, essa "prestação de contas" já virou parte do calendário, com a Mostra de Artes do Porto Iracema (Mopi). Agora em dezembro, o público conhecerá os frutos dos laboratórios deste equipamento cultural. As apresentações das pesquisas em artes visuais, especificamente, acontecem nos dias 12 e 13 de dezembro, às 19h, no auditório. A programação é aberta a todos os interessados.

Além disso, os alunos que fizeram o Curso Básico da área fazem a abertura da exposição "Utopias da Imagem", no hall do Café do Porto, às 10h, também no dia 12. A exposição ficará em cartaz até o dia 19 de janeiro de 2018, como acesso gratuito. O artista Almor Pinheiro, responsável por orientar esta turma, junto com Lia de Paula, e também atuante como pesquisador no laboratório, destaca a importância desse intercâmbio

sob os dois pontos de vista. "É um processo interessante. São artistas bem jovens na primeira experiência de expor, de pensar o trabalho. E acaba criando um link com essa relação dos laboratórios, do qual também faço parte, de ter acompanhamento, pensar junto, numa produção com amadurecimento coletivo. Tem sido importante para mim", observa.

Os alunos do Curso Básico trabalharam o conceito de utopia pensando cidade, gênero e feminino a partir de vivências pessoais, essencialmente. E retrataram isso em fotografias, colagens, desenhos e pinturas. "É importante pensar como, apesar de cada um tratar de questões individuais, existem aproximações entre essas pesquisas, porque todo mundo é afetado por esse tempo, reverbera na gente", pontua Pinheiro.

Laboratórios

Do outro lado da produção, Júnior trabalhou no laboratório em parceria com a companheira Ana Cecília Soares no projeto "Sonho de uma abelha ao redor de uma romã um segundo antes de acordar", que teve a tutoria de Tania Rivera.

O projeto consiste em desenvolver uma pesquisa curatorial sobre a incidência do surrealismo no desenho cearense dos anos de 1970 e 1980, desvelando interstícios dessa produção e reflexão, e instigando o debate sobre sua contribuição e importância para a história da arte no Ceará.

Diante de escassa bibliografia sobre o tema, os artistas-pesquisadores apontaram em entrevistas para descobrir essas incidências. Nomes como Herbert Rolim, Dadora Guimarães e Maurício Coutinho ajudaram Cecília e Júnior a entender o momento em que artistas como Marcos Francisco, Batista Stea, Siegfert Franklin, Regina Cavalcante, Luiz Hermanno, Luísa Nóbrega e Darciello Lima produziram.

"A ideia é que depois ficamos mais entrevistas. A pesquisa está começando, seis meses não dão conta, mas pretendemos editar cada entrevista, fazer um site, trazer outras vozes, pessoas que viveram esses contextos, entender quem eram os artistas, que questões moviam eles", explica Cecília. A pesquisadora valoriza ainda o espaço do laboratório para o aprofundamento teórico. "A pesquisa teórica é super importante, porque existem muitas lacunas na história da arte cearense", destaca.

Júnior e Cecília realizaram uma primeira apresentação na semana passada, no lado da tutora, mas voltam a falar sobre o projeto nesta quinta (13). Antes, no entanto, outros artistas-pesquisadores também vão expor seus trabalhos. Samuel Tomé e Filipe Acácio, do projeto "051 Grande Circular I", e Célio Celestino e Bruno Santos Bandeira, do projeto "Novas Abordagens Perceptivas do Real", apresentam o resultado de suas pesquisas no dia 12. Os respectivos tutores, Vitor César e Clarissa Diniz, participam da apresentação.

Até no dia 13, será a vez de Virginia Pinho e Léo Silva dividirem com o público a pesquisa desenvolvida no projeto "Isolamento Compulsório", com a presença do tutor, Ednei de Góes. Para o coordenador do Laboratório de Artes



SAIBA MAIS

FINALIZAÇÃO dos projetos do Laboratório de Artes Visuais da Escola Porto Iracema das Artes. Dias 12 e 13 de dezembro, às 19h, no Auditório do Porto (Rua Dragão do Mar, 160, Praia de Iracema). Gratuito.

ABERTURA da Exposição "Utopias da Imagem" - Primeira Artes Visuais. Dia 12 de dezembro, às 10h, no Hall do Café do Porto (Rua Dragão do Mar, 160, Praia de Iracema). Gratuito.



"Sonho de uma abelha ao redor de uma romã um segundo antes de acordar" (Cecília) e projetos dos laboratórios e da exposição "Utopias da Imagem" (Detalhe)

Visuais, Bini Cassandré, "os projetos contribuem de forma valerosa para se pensar o contemporâneo, por meio de uma revisão historiográfica acerca da produção cearense e o Surrealismo; de investigação territorial através de uma linha de ônibus da capital e a partir daí chegar em estratagemas do 'coletivo', tensionar e provocar uma produção que lida com a 'imagem', o 'real', a 'apropriação' e desdobra-la em diferentes mecanismos de resignificação; e discutir a territorialização do isolamento, da margem, da doença, do corpo aprisionado".

VERSÃO IMPRESSA

"Seminário Cabeças de Papel" ocorre no Porto Iracema das Artes

01:30 | 17/01/2018



 JORGE SILVESTRE/DIVULGAÇÃO

Zines, publicações independentes e arte impressa conduzem as discussões e as atividades de uma série de encontros que começam hoje e seguem até sexta-feira, 19, no Porto Iracema das Artes.

É a quarta edição do Seminário Cabeças de Papel: Ideias Flamejantes. A primeira ação acontece nesta quarta, às 14 horas, em

sessão de criação compartilhada do projeto Preciso me Comunicar com Você, dos artistas Samuel Tomé e Filipe Acácio.

Além deste encontro, haverá conversas, oficina de microzine e a construção coletiva de um painel de lambe-lambe. A Feira Índice de literatura também irá ocorrer, na quinta e na sexta, quando será lançado box com as oito zines do Selo Índicios, produzidas por duplas de artistas de Fortaleza ao longo de 2017.

SERVIÇO

Seminário Cabeças de Papel: Ideias Flamejantes

Quando: de hoje, 17, até sexta-feira, 19

Onde: Porto Iracema das Artes (rua Dragão do Mar, 160 - Praia de Iracema)

Gratuito.

FOTOGRAFIA

Dispositivos móveis e a democratização da arte

A nova edição do projeto Golpe de Vista apresenta hoje o debate *Fotografia de Bolso* e a dinâmica *Cartas Abertas* com o artista visual Samuel Tomé

SAMUEL TOMÉ



FELIPE CAMILO



FELIPE CAMILO



João Paulo Freitas
ESPECIAL PARA O POVO
joaopaulofreitas@opovo.com.br

A utilização dos dispositivos móveis como ferramenta artística está no centro do debate da nova edição do ciclo de conversas *Golpe de Vista*, que acontece hoje, às 19 horas, no auditório do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Os fotógrafos convidados Alex Costa, Felipe Camilo e Júlio Cesar Santana conversam em torno do tema *Fotografia de Bolso*. Na ocasião, acontece ainda a dinâmica *Cartas Abertas*, que tratará de manipulação digital em imagens e criação de mídias com o artista Samuel Tomé.

De acordo com Alex Costa, vivemos de forma mais intensa a sociedade imagética. "Com os celulares cada vez mais modernos, esses aparelhos vão tomando o lugar de equipamentos fotográficos profissionais. A evolução vem acontecendo de uma maneira muito rápida devido as

"O teor reflexivo anda meio baixo devido a esse 'bombardeamento' de imagens"

necessidades que as empresas de comunicação acabam tendo devido a rapidez de informação", analisa.

Ele ressalta que a tendência é que os dispositivos móveis ocupem cada vez mais espaço no jornalismo, mudando a forma de captar a notícia. Sem saudosismo, ele afirma que "o advento da tecnologia só vem a acrescentar no meio visual. Tanto pela maneira fácil de se carregar, como a sua própria construção e seus dispositivos, fazem com que a pessoa tenha mais facilidade para produzir uma imagem". Ele lembra, no entanto, que obter uma boa imagem sem-

pre vai depender mais de quem está por trás do aparelho fotográfico.

O debate de hoje deve abordar também o tratamento das imagens com os filtros e outras ferramentas de tratamento de imagem disponíveis nos dispositivos móveis. Alex Costa lembra que "com esses novos filtros as pessoas podem criar e recriar uma realidade que nem sempre tenha que ter uma verdade absoluta". E considera interessante que pessoas sem pretensões no campo das artes possam interferir nas imagens e criar outras realidades.

Reprodução

A internet e os smartphones proporcionam o compartilhamento de arquivos de forma ágil. Alex acredita que "o teor reflexivo anda meio baixo devido a esse 'bombardeamento' de imagens que é produzido devido a essa facilidade de possuir esse tipo de aparelho".

Dentro da perspectiva social, Alex destaca que "mesmo com toda essa tec-

nologia, rapidez e disponibilidade, a fotografia volta com a sua intenção maior que é congelar uma imagem para a sua reflexão. Talvez essa seja ainda a sua principal e mais importante função, que é fazer pensar sobre as coisas".

O *Golpe de Vista* acontece mensalmente no Dragão do Mar. Em abril terá como tema *O dever do mentir na fotografia e, em maio, Fotografia e o feminino*.

Serviço

Fotografia de Bolso

Quando: hoje, às 19 horas.
Onde: Auditório Dragão do Mar (r. Dragão do Mar, 88 - P. de Tracema).
Entrada franca.
Telefone: 3488 8600.

Oficina "Fotografia de Bolso"

Quando: Sábado, às 14h.
Local: Museu de Arte Contemporânea (Dragão do Mar)
Entrada gratuita.

ARTES VISUAIS

Reflexões sobre territórios possíveis

Em "Zona de Litígio", artistas cearenses debruçam o olhar sobre uma área esquizoide entre Ceará e Piauí

A querela é secular. Por volta de 1880, o imperador Dom Pedro II (1825-1891) assinou acordo que previa a troca de territórios entre Ceará e Piauí. Como não tinham acesso ao mar e precisavam exportar o algodão, os piauienses ficaram com uma região chamada Freguesia da Amarração, local que hoje compreende os municípios de Parnaíba e Luís Correia. Em troca, os cearenses ficaram com a Freguesia da Comarca Imperial, na encosta da atual Serra da Ibiapaba.

Acordo feito, a divisão ficou distante do rigor devido e, desde então, os dois Estados mantêm o impasse sobre um trecho de uma área de 3.210 km de extensão. Por conta desse interminável e folclórico episódio, populações de 13 municípios cearenses e sete piauienses são afetadas pela falta de políticas públicas básicas como acesso à luz elétrica, água e educação.

Um trecho dessa "terra de ninguém" ampliou-se 133 anos depois, como espaço para uma residência artística móvel reali-



Imagens que integram a exposição "Zona de Litígio", assinada coletivamente por seis realizadores: reflexões sobre pertença, passagem e não-lugar

riência de muita abertura. Por estarmos num lugar 'sem fronteiras', sem área definida, foi fundamental desenvolver esse processo de comunicação, de heterogeneidade do lugar", conversa Patrícia Araújo.

Entre os materiais expostos, eclodem objetos advindos do encontro. A partir da interpretação e intervenção dos artistas, saltam restos arqueológicos de um passado remoto. Para adentrar um pouco deste universo é possível citar os trabalhos "Desmanche", onde estão concentradas fotografias de paisagens destruídas, e "Golpe de calor", resultado de interferências artísticas nascidas ao acaso.

Correr por estas estradas, boa parte delas sem asfaltamento, trouxe inúmeras surpresas. Até chegar à possível localização da fronteira entre Ceará e Piauí, o grupo teve que enfrentar uma inusitada chuva. A condição climática, totalmente oposta ao cotidiano local (a área conta com problemas sérios de estiagem), exigiu paciência dos artistas. A perspectiva partia da ideia de entender esse lugar como uma possibilidade de reflexão de diferentes contextos. "Conversamos muito com os moradores", relembra Patrícia, orgulhosa.

Construção

Estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que a indecisão que se arrasta por mais de um século afeta, no mínimo, cerca de 8 mil moradores recenseados apenas no dito "lado cearense". Sem uma definição, o espaço tem sido tratado como uma espécie de "Faixa de Gaza nordestina", "terra de ninguém".

Os autores compreendem que a História é destituída de uma única voz. Abarcar o todo e reproduzir com fidelidade todo o ambiente desolado não configura como missão aos criadores. Oitica surge como possibilidade de invenção e ficcionalização sobre um lugar do entre – que não pertence a nenhum Estado.

Para Filipe Acácio, o pensamento da exposição é discutir os espaços em que estamos inseridos. Visitar, perder-se e deslocar o corpo sobre estes territórios resulta em gerar uma espécie de terceiro lugar. Permitir que as obras se sobressaíam como zona de invenção, de deslocamento e choque com os complexos contextos onde estamos inseridos.

Oitica está além do simples conceito de "não lugar", compreende uma ordem onde linhas imaginárias contrastam com o abandono das populações locais. Ainda segundo o criador, desinteressa ao coletivo propor uma exposição documental, jornalística. "Não é representar, não se consegue abarcar toda aquela realidade, seria um fracasso", observa. Diante deste cenário, o tom denunciativo é ampliado pela invenção dos artistas.

Patrícia destaca que, ao criar esse trabalho, um dos efeitos repercutiu diretamente no cotidiano do grupo. Com histórico dedicado de pesquisa e investigação sobre as relações do corpo diante de situações de borda em contextos de viagens e deslocamentos, a realizadora defende que o trabalho foi capaz de reproduzir a coesão entre o grupo.

"Estamos espalhados por diversos pontos do País e nos reunirmos era uma tarefa difícil. Desde 2013, com o prosseguimento desta obra, essa relação é cada vez mais forte, acontece com maior frequência", detalha.

Resta então uma visita à "Zona de Litígio", para entender como andam nossas fronteiras e possibilidades de encontro com o outro, com os elementos que nos circundam – sejam eles carentes ou delineados através de fronteiras.

Mais informações:

Exposição "Zona de Litígio". De 17 de dezembro a 17 de fevereiro de 2016, no Museu da Cultura Cearense CDMAC (R. Dragão do Mar, 81, Praia de Iracema).
Visitação: de terça a sexta, das 9h às 19h (acesso até às 18h30); sábados, domingos e feriados, das 14h às 21h (acesso até às 20h30). Gratuito.
Contato: (85) 3488.8600

Churrasco IDEAL 2016

TRADIÇÃO E REQUINTE NA FESTA MAIS ESPERADA DO ANO

VISTA SE DE ALEGRIA E EL EGÂNCIA PARA COMEMORAR A VIRADA DO ANO CHEIO DE ESTILO, COM DIREITO A MUITA MÚSICA E ANIMAÇÃO.

• LUISINHO MAGALHÃES E BANDA • UNIDOS DA CACHORRA

LOLINJE VISTA PARA A QUEIMA DE FOGOS DO ATERRO POR MESA ESPUMANTE & RED LABEL BUFFET COMPLETO ESPAÇO INFANTIL

Apresentação

Diário



zada por Adrielle Freitas, Filipe Acácio, Júlia Braga, Juliane Peixoto, Patrícia Araújo e Samuel Tomé. A exposição "Zona de Litígio" reúne 16 obras, entre instalações, vídeos, fotografias, desenhos e registros de performances realizadas.

Em cartaz até 17 de fevereiro de 2016, no Museu da Cultura Cearense, localizado no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), a mostra surge como um inventário poético, desenvolvido durante as observações realizadas ao longo da viagem. Partindo de Fortaleza, o grupo percorreu quase 900km de estrada em direção a Oitica, distrito de Crateús, fincado diretamente na zona de disputa

Partindo de Fortaleza, o grupo percorreu quase 900km de estrada em direção a Oitica, distrito de Crateús, na zona de disputa

de terras entre os Estados. Nenhuma das obras é assinada: a decisão dos realizadores opta por desenvolver a exposição de modo compartilhado. Ainda assim, tal escolha é capaz de respeitar e garantir as percepções individuais de cada integrante. "Viajamos juntos e foi uma expe-

MONTE SERRA CITY

89,00

Diário

artigos

SEG

HERMÍNIO BEZERRA
Frei e tradutor

TER

BATISTA DE LIMA
Escritor

SEX

ERILENE FIRMINO
Jornalista

SAB

PAULO COELHO
Escritor

EXPOSIÇÃO

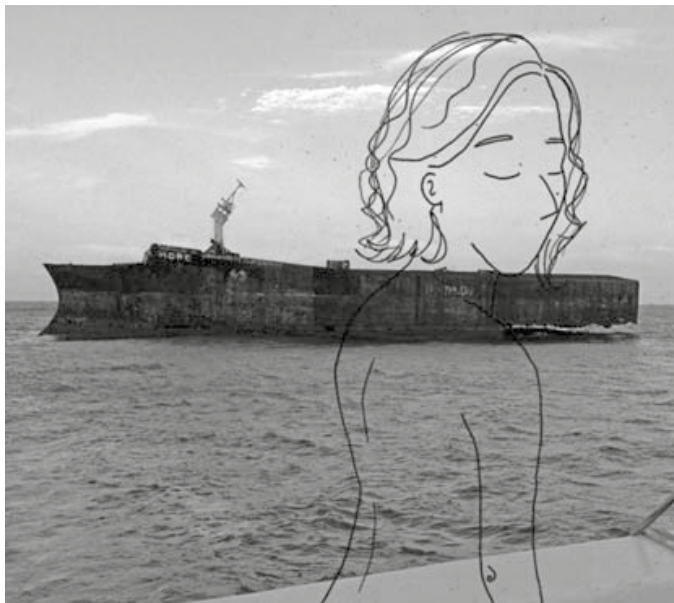
Sobre arte e tolerância

ROBERTA SOUZA
Repórter

Conviver com as diferenças tem se mostrado uma das tarefas mais desafiadoras nos últimos tempos. Aliás, mais do que isso: respeitar as individualidades, ser paciente, tolerar. Ações tão simples quanto complexas num cenário polarizado como o atual. Foi pensando nisso que a comissão curatorial do II Salão de Ilustração da Escola Porto Iracema das Artes – Ilustra Porto resolveu desafiar jovens artistas locais, entre alunos e ex-alunos da instituição, para apresentarem trabalhos voltados à temática da tolerância.

Aberta ao público geral em coquetel realizado na noite de ontem (20), a exposição reúne 15 trabalhos gráficos que ficarão no pátio da Porto Iracema até dezembro. Ana Sophia Mourão, Antônio José de Sousa Veras, Antônio Marcos Lima Silva, Dhiovana Barroso, Edilane Galvão de Almeida (duas obras), Fabrilly Farias Lima, Francisco Eder Ferreira Moreira, Helder de Pádua Lima, Ilya Borges dos Reis e Cavalcante, Izac Oliveira, Jéssica Gabrielle Lima, Jorge Reinaldo Silvestre de Oliveira, Pedro Augusto Araripe Silva e Thadeu Dias Bruno foram os artistas contemplados.

Além dos certificados de participação para todos, os três primeiros colocados receberam, ainda, materiais para incentivar



A obra "m² de Solidão", da ilustradora Jéssica Gabrielle Lima, reflete sobre o ser mulher na cidade de Fortaleza. Ela mistura as técnicas de fotografia e ilustração. Na mostra, somam-se a este outros 14 trabalhos gráficos

a produção artística nos próximos meses. A seleção dos trabalhos foi feita por meio de convocatória, divulgada no site da escola – cada aluno poderia inscrever até dois trabalhos. Foram atribuídos às obras pontos

de 0 a 10, nos quesitos criatividade e inovação estética e de linguagem. A banca que selecionou os trabalhos foi formada pelo designer Samuel Tomé e os artistas visuais Simone Barreto e o Daniel Chastinet.

Para a coordenadora dos cursos do Programa de Formação Básica em Artes Visuais da escola, Carolina Vieira, as obras selecionadas dialogam bem com a temática e dão margem para diferentes linguagens, tais co-

A banca que selecionou os trabalhos foi formada por Samuel Tomé, Simone Barreto e Daniel Chastinet

mo desenho, pintura, colagem e ilustração. Além disso, ela avalia que possibilitar uma exposição como essa é um grande incentivo para esses artistas.

"É uma oportunidade dos nossos alunos e ex-alunos irem se profissionalizando e se preparando para esses desafios de seleção que o mercado impõe. Aqui é um primeiro passo", defende Carolina.

Trabalhos

A quadrinista e ilustradora Dhiovana Barroso (Dhiów) preparou um trabalho inédito para o II Ilustra Porto, apesar de esse não ser um critério do regulamento. A ilustração "Aprender no outro", segundo ela, reflete sobre a tolerância a partir do sentimento de empatia. "É aquela coisa de você estar sempre aprendendo com o outro e da gente sentir o outro, porque quando a gente sente o outro a gente entende ele", acredita a ilustradora.

Dhiovana aposta ainda que espaços como esse são portas de entrada para quem está começando. "É muito importante para a gente que tem dificuldade de expor, afinal aqui não têm muitos locais. As galerias existem, mas geralmente estão lá coisas que todo mundo

já conhece. Quem está começando, como eu, tem espaços muito pequenos", avalia.

A ilustradora Jéssica Gabrielle Lima, que está com o trabalho "m² de Solidão" no II Ilustra Porto, concorda com a colega, mas aponta ainda outras direções. "Considero que o número de espaços para expor têm aumentado, embora eu acredite que ainda estão muito restrito a certos bairros elitistas. Eu mesma como moradora da periferia tenho toda uma dificuldade de locomoção. Se é assim para mim, que já sou do núcleo artístico, imagine para uma pessoa que não tem essa oportunidade", critica a ilustradora.

Em "m² de Solidão", Jéssica retrata ainda outro tema relevante em tempos de intolerância. "O meu trabalho, que não é inédito, mas que pretendo ampliar depois, é um experimento de fotografia e ilustração, e tem muito da cidade de Fortaleza, onde nasci e cresci. Discuto essa coisa de ser mulher aqui, uma capital com altos índices de violência. Falo muito do corpo feminino e de como é crescer com as limitações impostas pela rua", diz.

Para quem tiver interesse em conferir os trabalhos, vale ressaltar que o evento é aberto ao público e conta com entrada gratuita. Até dezembro, a dica é espionar.

➔ Mais informações:

II Ilustra Porto. Aberto ao público até dezembro, na Escola Porto Iracema (R. Dragão do Mar, 160, Praia de Iracema). Entrada gratuita. Contato: (85) 3219-5842

EXPOSIÇÃO: MUSEU DA CULTURA CEARENSE 16/12/2015

Outros olhares sobre Oiticica

Conflitos político-territoriais em distrito de Crateús são a inspiração para exposição Zona de Litígio. Abertura acontece amanhã, a partir das 19 horas



NOTÍCIA 0 COMENTÁRIOS



 Flávio Augusto Pinto
flavioaugusto@opovo.com.br



Oiticica, distrito de Crateús (354km de Fortaleza), é uma zona de disputa de terras entre os estados do Ceará e do Piauí. Esses conflitos político-territoriais foram a inspiração que levou os artistas Adriele

CINEMA, STAR WARS

Esperança e ameaça

(0)

breves

(0)

Aries

(0)

Freitas, Filipe Acácio, Júlia Braga, Juliane Peixoto, Patrícia Araújo e Samuel Tomé a montarem a exposição Zona de Litígio. O resultado do trabalho, realizado desde 2013, poderá ser visto a partir de amanhã, no Museu da Cultura Cearense do Centro Dragão do Mar. A abertura acontece às 19 horas.

A exposição é constituída por um conjunto de 16 obras, entre instalações de vídeos e sonoras, fotografias, desenhos e registros de performances. Entre as obras em exibição, estarão objetos coletados e dispostos como restos arqueológicos (Desmanche), fotografias de paisagens (Golpe de calor), e experiências artísticas nascidas ao acaso.

“Registramos uma cena curiosa, envolvendo um pedaço de carne podre sendo atirada ao léu”, conta o artista Filipe Acácio. Segundo ele, o grupo transformou o próprio espaço da exposição em ateliê, pois “muitos dos trabalhos ainda continuaram sendo produzidos, mesmo após a viagem”. O grupo foi até ao município de Oiticica em 2013, para conhecer o ambiente e, na ocasião, já produziram algumas das peças.

“Resolvemos ir ao município mais para entender e discutir o lugar. O que aconteceu foi que involuntariamente acabamos registrando algumas cenas”, conta a artista Patrícia Araújo.

O impasse sobre aquele pedaço de terra vem desde 1880, quando Dom Pedro II cedeu uma parte do mar cearense para o Piauí. Isso afeta cerca 20 municípios localizados numa área de aproximadamente 450 km. Todos esperando que uma ordem federal resolva a situação.

Serviço

Exposição Zona de Litígio

Quando: abertura amanhã, às 19 horas

Onde: Museu da Cultura Cearense (R. Dragão do Mar, 81 - Praia de Iracema)

Gratuito.

> TAGS: MAR | DO | DRAGÃO | LITÍGIO | DE | ZONA | EXPOSIÇÃO

